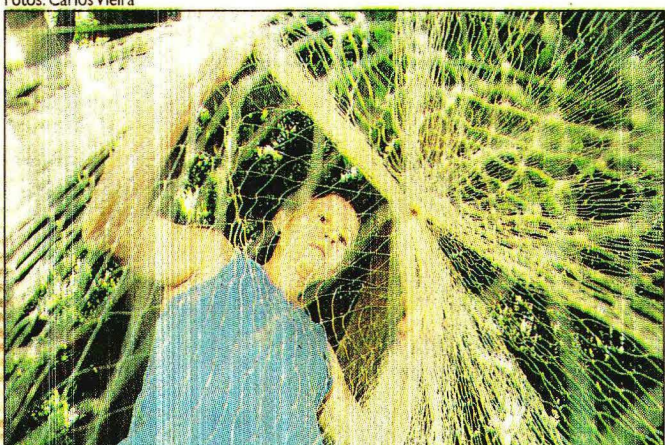


OS AMANTES DO LAGO

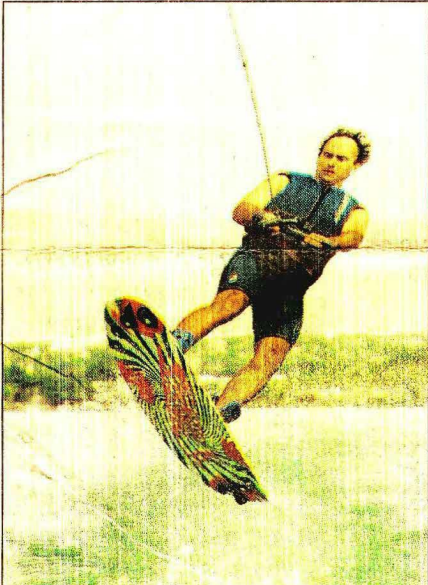
Fotos: Carlos Vieira



AS REDES DE WANDA

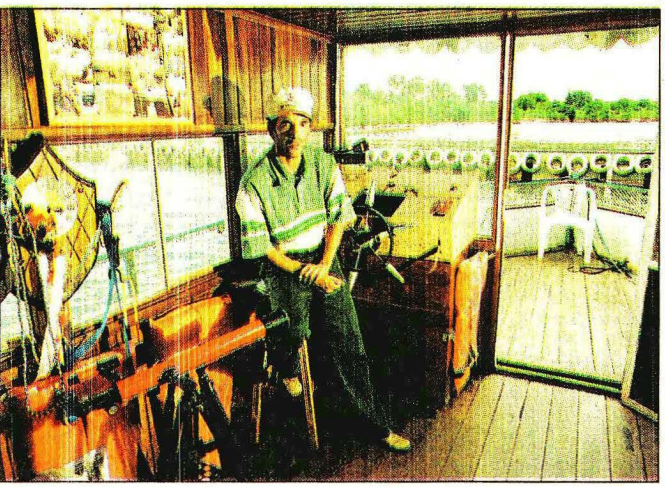
O balanço do Paranoá até parece que amansa quando Wanda da Costa Araújo põe os pés na água. Logo se vê que o trato que tem com o lago é o da intimidade de uma pescadora. A carioca franzina e mãe de seis filhos viveu boa parte dos seus 43 anos com o que ganha na lida da pesca e como costureira. Wanda faz e conserta tarrafas para dezenas de pescadores. Aos 13 anos, ela já se lançava em meio à maioria masculina para brigar pelo melhor peixe. Nos bons tempos, chegava a tirar do lago até 100 quilos de peixe numa tarde. Um de seus filhos quase nasceu dentro do lago. Foi há 15 anos. Wanda foi surpreendida por uma equipe de fiscalização. Ela não poderia jogar tarrafa ali e teve o material apreendido. A pescadora estava com nove meses de gestação. Na manhã seguinte, recuperou o material e, teimosa, voltou para o lago. "Pesquei como nunca, mas já às 7h40 eu não podia mais de tanta dor. Saí do lago e fui direto pro hospital", recorda. Com o passar dos anos e a diminuição dos peixes do lago, as redes se tornaram a principal fonte de renda de Wanda. Uma tarrafa grande (cerca de 18 palmos) é vendida por R\$ 100. Ela diz que gostaria de ter um emprego fixo, porque só das redes está difícil conseguir viver. Queria ter uma casa dela, e não precisar mais ir pra tão longe do lago, dormir na casa da mãe, na Cidade Ocidental (GO). "O que eu mais desejava na minha vida era voltar pra perto do lago."

VISITAS DE BARCO



O arquiteto Eduardo Marcondes, 40 anos, é um amante assumido do Lago Paranoá. Morador da QI 23 do Lago Sul, todas as vezes que visita o amigo Carlos Alberto Azevedo, na Península dos Ministros, no Lago Norte, ele dispensa o carro. Pega sua lancha e segue pelo Paranoá até a casa de Carlos. A viagem sobre a água dura sete minutos. De carro,

consome 30 minutos. "Se existisse mais acessos pelo lago, muita gente deixaria o carro em casa para atravessar de barco", aposta o arquiteto. Apaixonado por esportes náuticos, Eduardo faz quase tudo de barco. Atravessa o lago para ir a restaurantes com a família, visita a casa de parentes e segue na lancha para clubes, no final de semana. Paulista, ele está há sete anos em Brasília. Desde que descobriu os prazeres do Paranoá, nunca mais pensou em morar em outra cidade. "As pessoas precisam ver o luar do lago. Em nenhuma outra capital se vê imagens tão belas."



ENDEREÇO FLUTUANTE

Foram as lembranças da infância vivida em Rondônia que empurraram Fernando Ferreira Daltro, 48 anos, de volta para a água. Criado sobre as palafitas do Rio Melgarço, na cidade de Pimenta Bueno, o médico optou por virar a página da sua vida, marcada por dor de cabeça com vizinhos, reuniões de condomínio e muito barulho urbano. Há 13 anos, Fernando tem como endereço o Dona Chica, um barco de 46 pés (cerca de 14 metros), que navega no Lago Paranoá. Ele acabou descobrindo recantos que descreve como paraísos ecológicos, semelhantes a ilhas da famosa cidade fluminense de Angra dos Reis. Nada falta ao médico no Dona Chica. O barco tem dois andares e uma caixa d'água garante cinco dias de abastecimento. Na parte inferior, uma sala de estar, o banheiro (com chuveiro elétrico proporcionado pelo gerador da embarcação) e uma pequena cozinha. Na parte superior, estão o quarto, um terraço, onde tem lugar o churrasco de domingo, e uma rede que desperta a preguiça. O médico recebe correspondências por uma caixa postal. "As pessoas não acreditam quando você diz que mora no meio do Lago Paranoá." Para que o Dona Chica fique atracado no Iate Clube de Brasília, Fernando desembolsa R\$ 220, entre taxa náutica e mensalidades. "Sai mais caro do que ter um apartamento, mas morar a bordo é uma questão de filosofia. Não troco o lago por apartamento nenhum."